

# Há perigo de confrontos

## Presidente do ICB pede a ajuda do Governo para resolver impasse

ILHEUS (Sucursal) — "O Estado deve ter uma ação mais efetiva mais enérgica, mais atuante, para afastar esse estado de intranquilidade e insegurança que reina na região de Pau Brasil, e, de uma vez por todas, dar um basta nesta situação. O Estado é o réu maior, porque foi ele quem deu os títulos aos fazendeiros, e creio que, como réu numa instância superior — Estado/Funai — União/Funai — deve promover a solução desse impasse que virá trazer a harmonia e a tranquilidade para os fazendeiros da região".

Esta declaração foi feita pelo presidente do Instituto de Cacau da Bahia, Antonio Menezes Filho, ao comentar sua "inesperada" decisão de liderar uma comitiva de fazendeiros, envolvidos no conflito de terras com os índios Pataxó Hã Hã Hãe, na ida até Salvador para pedir ao governo estadual apoio na solução urgente do problema. A comitiva liderada por Marques, não manteve contato direto com o governador João Durval, e solicitou do ex-governador Antonio Carlos Magalhães que seja o porta-voz "não somente pela sua amizade, como pelo conhecimento da causa e pelo prestígio e ressonância que sua voz tem, além do prestígio político nos altos escalões da República — até o governador João Durval, para poder, numa negociação direta governo do Estado/Funai/Minis-

tério do Interior, agilizar essas ações visando solucionar o impasse.

O presidente do ICB revelou que o ex-governador baiano prometeu conversar com o atual, a fim de que a Procuradoria do Estado, através do Dr. Paulo Spínola, pudesse se inteirar e se integrar mais intensamente ao processo, e numa negociação com Funai e Ministério do Interior, que atenda os interesses do Estado, da região e dos produtores, alcançar uma solução "que poderia ser até mesmo, quem sabe, a efetivação desses remanescentes indígenas numa área devoluta do Estado ou uma outra solução que venha afastar de uma vez por todas a possibilidade de uma luta fratricida que, no momento, existe na região em litígio", acrescentou.

Segundo ele, a atitude de se integrar aos fazendeiros na defesa de suas terras aconteceu por considerar que o Instituto de Cacau da Bahia é uma conquista dos produtores e porque o assunto preocupa, angustia e interessa aos filhos da região cacauzeira, e por ser aquela área produtora de 400 mil arrobas de cacau, empregadora de mais de 40 mil pessoas e onde se encontram mais de 110 mil reses, o que contribui decisivamente para com a economia regional.

Na sua opinião, em Pau Brasil não existe um contingente indígena ponderável, mas sim

"algumas duas ou três dezenas de remanescentes da quarta ou quinta geração dos Pataxós Hã-Hã Hãe, que estão sendo estímulo dos insultados por agitadores profissionais que querem tirar proveito de uma situação de perturbação da ordem social, da segurança e tranquilidade da região, para auferir proveitos de conotação, creio eu, nitidamente ideológica". Ele considera que esses "aproveitadores" estão se utilizando da "ingenuidade" dos remanescentes indígenas, e que a solução do problema deve, além de atender os altos interesses do país, do Estado e da economia da região, procurar dar aos remanescentes o amparo e proteção devidas, a fim de que no seu habitat natural possa ter a preservação da cultura, dos ancestrais de nossa civilização".

Por outro lado, Antonio Menezes declarou que os fazendeiros estão precavidos, alertados, "vendo a qualquer hora suas terras serem invadidas, tomadas, e naturalmente, procurarão se defender de todas as maneiras, inclusive, até da maneira mais violenta. Para evitar esses confrontos é que estamos alertando as autoridades constituídas a nível federal e estadual, para que numa negociação direta encontre uma solução que venha atender à justiça, à verdade e à justiça da causa maior", concluiu.

CEEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Jornal da Bahia

Class.:

213

Data:

06.12.83

Pg.: